



REFLEXÕES SOBRE O ENSINAR E APRENDER MÚSICA NO CONTEXTO DOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS DO CURSO DE MÚSICA-MODALIDADE LICENCIATURA DA UFPel

SILVEIRA, Fabiane Tejada da¹
WILLE, Regiana Blank²
GOMES, Salatiele da Rosa³

¹ Docente do Departamento de Música e Artes Cênicas – IAD/UFPel - shalon@ufpel.edu.br

² Docente Departamento de Música e Artes Cênicas – IAD/UFPel - regicris@terra.com.br

³ Acadêmica do Curso de Música Licenciatura UFPel - tieleg3@hotmail.com

1. Introdução

A pesquisa desenvolveu-se a partir das reflexões sobre os Estágios Supervisionados do Curso de Música- modalidade Licenciatura do Instituto de Artes e Design (IAD) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), durante os anos de 2007 a 2009. Entendemos que o Estágio Supervisionado, longe de ser um momento de colocar em prática os conhecimentos teóricos aprendidos durante o Curso, é, muito mais, é um período importante de aprendizagem, em que os estagiários começam a desenvolver seus saberes experienciais, que vão integrar, juntamente com as experiências da formação profissional, os saberes disciplinares e os curriculares provenientes da Academia (TARDIF, 2002). Na dialética da teoria freireana, que não pretende ser prescritiva, respondendo a uma verdade única, mas suscitar a dúvida, a desacomodação frente à realidade é que pretendemos articular neste estudo algumas idéias de Paulo Freire em relação à prática pedagógica. Nesse sentido, a construção do conhecimento se dá através de atividades em sala de aula, que envolvam os sujeitos como agentes de transformação da realidade. A questão investigada foi: Quais os limites e as possibilidades do ensino de música na escola, durante os Estágios Supervisionados dos acadêmicos do Curso de Música - modalidade Licenciatura?

2. Material e Métodos

A Pesquisa foi de cunho interpretativo, com base na perspectiva da hermenêutica filosófica. O fenômeno vai se modificando durante o processo de pesquisa e é aprofundado até o final da análise. Com isso partimos do princípio de que o pesquisador deve se entregar ao processo de pesquisa como um todo, entender seus *pré-juízos*, como parte do processo de compreender e aprender, lembrando que todas interpretações feitas de um fenômeno emergiram de um campo que nunca será neutro. Fizemos a leitura de todo o

material escrito pelas acadêmicas (observações de aulas e observações nos planos de ensino), a seguir partimos para leitura com a finalidade de identificar os “trechos” do relato que encerram um sentido. Ao final nomeamos as unidades de significação e escrevemos o relatório final refletindo sobre os sentidos das unidades destacadas.

3. Resultados

No primeiro momento dos estágios, os/as estagiários/as encontram na escola um lugar ainda “estranho”, do ponto de vista da docência, pois embora tenham construído conhecimentos sobre este espaço, esta é uma nova experiência, vista de um “outro lugar”, a partir do lugar ou do ponto de vista do/a “professor/a”, conceito que também já vem sendo construído pelo/a estagiária há muito tempo. Nesse primeiro novo contato com a escola acreditamos que o/a futuro/a professor/a deva lembrar as discussões feitas durante a preparação para o ingresso nos estágios supervisionados, em que debatíamos as idéias de Paulo Freire que marcam o papel do professor, como aquele que ensina e também aprende, onde educando e educadores são sujeitos do ato de aprender. A escola em que os estagiários e estagiárias chegam, na maioria das vezes, reserva um tempo pequeno para as aulas de Ensino da Arte. Como relata Duarte Jr.

Todos nós que passamos por uma escola tivemos a oportunidade (ou a obrigação) de freqüentar “aulas de arte”. De uma ou de outra forma, aquelas aulas estavam lá: espremidas entre disciplinas que em geral eram consideradas “mais sérias”, ou “mais importantes”, para nossa vida futura. Era preciso saber os teoremas de cor, os modos dos verbos, a localização da Patagônia, a data da Lei do Ventre Livre e o que significava sístole e diástole, se quiséssemos seguir adiante (1991, p. 9).

O Ensino da Arte ainda é considerado disciplina menos importante nos currículos escolares, e os meninos e meninas que lá se encontram, também sabem que se não souberem ou quiserem realizar as atividades solicitadas pelo professor ou professora de Artes, não faz mal, pois irão passar de ano mesmo assim¹.

É nesse contexto que os/as estagiários/as encontram-se com estudantes nas aulas que devem ministrar durante o período de estágio. Onde na maior parte das vezes estes estudantes realizam as atividades que gostam, e aquelas que não os interessam passam incólume pelos mesmos. Portanto observamos o quanto é necessário olharmos para a formação do professor de arte buscando relacioná-la diretamente com esta conjuntura esboçada.

Por isso é importante procurarmos mergulhar na realidade e no contexto dos jovens que freqüentam os bancos da escola pública e procurar a partir dos interesses pessoais desses estudantes, esboçar uma proposta de aula que

¹ Destacamos aqui que já existem práticas pedagógicas em Artes, mesmo que ainda isoladas, que assumem uma postura diferente desta destacada no texto, onde os estudantes são responsabilizados com a disciplina de Artes como são nas demais disciplinas da escola.

estímulo a reflexão e o fazer artístico/musical. No trabalho² realizado com adolescentes, estes puderam revelar, através de seus relatos, a necessidade de que o ensino formal de música proporcionasse não somente a transmissão de conhecimentos hierarquizados, muitas vezes abstratos, teóricos e não práticos. Que este pudesse contribuir e incentivar capacidades “para atuar e pensar de forma criativa, inovadora, com liberdade” (GOHN, 1999, p. 109). Como afirma Libâneo (2000, p. 84), não há a intenção de “minimizar a escola”, mas por causa da importância dos processos educativos não-formais e informais é que se reitera a sua necessidade. A escola é necessária como um espaço de intercâmbio de vivências, capazes de incorporar “poderosos instrumentos e ferramentas de conhecimento” (PÉREZ GOMÉZ, 1998, p. 93), de construir pontes entre o conhecimento formal e as experiências cotidianas adquiridas fora dela.

Quando destacamos a necessidade de ouvirmos os alunos e trabalharmos as suas vivências musicais, não significa abandonarmos conteúdos importantes da cultura musical, mas considerarmos que a prática educativa é mutante, complexa e carregada de opções de valor e que o docente estará exposto a situações em que o tratamento não será realizado através de receitas pré-elaboradas. Como afirma Souza (1997, p. 13), “trabalhar com ensino, seja ele qual for, exige, em primeiro lugar, saber observar e ouvir os alunos”. O destaque da autora para a importância de conhecer a realidade em que se trabalha vai além de um simples questionamento sobre preferências musicais, significa habilidade para compreender as necessidades dos alunos, seus interesses e experiências fora da escola.

De acordo com Hentschke (1995):

A tendência da educação musical contemporânea aponta para um ensino unitário de música, desprovido da separação entre o fazer música e o falar sobre música, pois considera que ambos pertencem ao universo do conhecimento musical. A literatura sobre educação musical nos dias de hoje advoga que a única maneira de se chegar ao conhecimento musical é através dos parâmetros práticos da experiência, sem os quais o indivíduo não terá acesso à música propriamente dita (ibid., p. 1).

Esse ensino unitário da música se corrobora com a afirmação dos adolescentes participantes da pesquisa realizada sobre a necessidade de união entre “teoria e prática”, o que, para eles (os adolescentes), proporcionaria aulas de música mais significativas, sendo que os processos ali vivenciados poderiam posteriormente ser utilizados em suas experiências fora da escola.

4. Conclusões

² Esta pesquisa consistiu na dissertação de mestrado, intitulada: “As vivências musicais formais, não-formais e informais dos adolescentes”. Defendida em abril de 2003, no Programa de Pós-Graduação em Música da UFRGS – Mestrado e Doutorado, sob a orientação da Prof^a Dr^a Liane Hentschke.

Para pensarmos “o ensinar e o aprender música” no contexto da práxis pedagógica freireana, temos que entender o professor não como ser reproduzidor de idéias clássicas, mas como mediador, um provocador de discussões, alguém que estimula a curiosidade, auxilia no encaminhamento das problematizações. No espaço educativo escolar onde os acadêmicos-estagiários estiveram inseridos, observamos que só haverá possibilidades de respostas por parte dos alunos, a partir de propostas pedagógico-musicais que sejam oriundas de um mundo ressignificado por estes. “Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, as suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho - a de ensinar e não a de transferir conhecimento” (FREIRE, 2000, p.52).

Observamos a importância da elaboração de propostas de trabalhos construídas a partir dos saberes que os alunos trazem de casa ou de outros espaços de formação. Freire aponta, com sua categoria do pensar certo, para uma prática pedagógica reflexiva, negando a mera reprodução de idéias. O pressuposto desta prática está em um ensinar que não é mero ato de transferir conhecimento, Freire escreve *Pedagogia da Autonomia* para falar sobre sua concepção de educação, as demandas do ato de ensinar e os saberes necessários ao professor, que devem estar presentes desde sua formação inicial até o exercício de seu ofício docente.

5. Referências

DUARTE JR. João Francisco. *Por que arte-educação?* 6ª ed. Campinas-SP: Papirus, 1991.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 16ª. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GUARNIERI, Maria Regina. *O início da carreira docente: pistas para o estudo do trabalho do professor*. In: GUARNIERI, Maria Regina (org.) *Aprendendo a ensinar: O caminho nada suave da docência*. Campinas: Autores Associados, 2000, p. 5-23.

GOHN, Maria da Glória. *Educação não formal e cultura política*. São Paulo: Cortez, 1999.

HENTSCHKE, Liane. *A Atividade Educacional como Fator de Interdependência entre os Discursos Musical e Sobre Música*. *Anais da ANPPOM*. UFMG, página da internet: www.musica.ufmg.br/anppom, 1995.

LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MATEIRO, Teresa e TEO, Marcelo. *Os relatórios de estágio dos alunos de música como instrumento de análise dos processos de planejamento*. *Revista da ABEM*, n. 9, p. 89-95, 2003.

PÉREZ GÓMEZ, Angel I. Os processos de ensino-aprendizagem: análise didática das principais teorias da aprendizagem. In: GIMENO SACRISTÁN, J.;

PÉREZ GÓMEZ, Angel I. *Compreender e transformar o ensino*. Tradução de Ernani F. da Fonseca Rosa. 4. ed. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Rio de Janeiro: Vozes. 2002

WILLE, Blank Regiana. *As vivências musicais formais, não-formais e informais dos adolescentes – três estudos de caso*. Dissertação (Mestrado em Música), Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.